

Associação de agricultores é exemplo de desenvolvimento rural sustentável

Reportagem de Paulo Sergio Tagliari



Agregar valor através da agroindustrialização rural de pequeno porte é um dos principais objetivos da Agreco

Pequenos agricultores familiares das Encostas da Serra Geral no sul de Santa Catarina decidem se associar para vender seus produtos livres de agroquímicos e elaborados com cuidados ambientais e com alta qualidade biológica e sanitária. Para agregar valor à sua produção, através de projeto financiado pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Pronaf – e apoiados por entidades civis e governamentais, constroem agroindústrias rurais de pequeno porte. A história desta associação e sua situação atual é o tema desta reportagem.

Pioneirismo

Com a crescente e constante descapitalização da agricultura, os produtores rurais tentam buscar formas alternativas de sobrevivência. Uma delas, a produção orgânica de alimentos, tem sido uma saída viável para muitas famílias de pequenos e médios agricultores em todo o Brasil. De forma associativa, estes pequenos empresários rurais estão conseguindo reverter situações críticas como êxodo rural, baixa comercialização e renda, poluição ambiental, e assim por diante. Um exemplo de sucesso em organização de agricultores familiares vem do sul de Santa Catarina. Trata-se da Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral – Agreco –, fundada em 1996 no pequeno município de Santa Rosa de Lima.

Inicialmente com apenas 12 pioneiras famílias de agricultores, hoje a Agreco possui mais de 200 famílias associadas, espalhadas em 11 municípios, sendo 54 só em Santa Rosa de Lima, e o número não pára de crescer.

Em 1991, no município de Santa Rosa de Lima, um caminho de aproximação



Cuidados na higiene e boa apresentação dos produtos orgânicos são preocupação constante dos agricultores associados

mação entre os que foram para a cidade (outros centros urbanos) e os que ficaram no campo (o próprio município como um todo) foi se desenhando pelo conagraçamento, através da realização de uma festa típica local, a Gemüse Fest. A partir dela e de reuniões que a seguiram, parcerias foram nascendo e se fortalecendo. Esta foi a semente que formou a Agreco e que teve um impulso importante com a entrada em cena de uma rede de supermercado catarinense, o Santa Mônica. O proprietário, Egídio Locks, natural de Santa Rosa de Lima, que esteve viajando pela Europa, notou a crescente demanda dos consumidores europeus pelos produtos orgânicos, ecológicos, e resolveu desafiar os agricultores familiares locais a produzir hortigranjeiros desta forma. Nesta parceria, ele procuraria garantir os canais de comercialização para a produção.

Durante os quatro últimos anos, os produtos orgânicos da Agreco, a maioria hortaliças, vinham sendo comercializados principalmente na rede de supermercados Santa Mônica, garantindo uma renda estável e constante às várias famílias rurais da região. Entretanto, recentemente o supermercado fechou suas portas, causando um prejuízo que foi absorvido de forma conjunta pelos associados. Mas, no todo, a Agreco soube amortecer o impacto da perda deste importante cliente. Hoje a produção da Agreco está sendo canalizada para clientes diversificados. São 35 pontos de venda em 10 redes de supermercados com lojas instaladas nas princi-

pais cidades do Estado, além de 3 pequenos mercados localizados em municípios da região. Também está organizando 2 pontos de serviço de entrega de cestas em Florianópolis. A Agreco ainda está em vias de fechar negócio com 2 grandes redes de supermercados.

Parcerias e trabalho participativo

A pequena associação cresceu e atualmente a Agreco está ampliando e diversificando suas atividades produtivas. Desde o início, o rumo adotado foi o da participação, ou seja, todas as decisões sempre foram tomadas depois de intensas reuniões e discussões entre os associados e diretoria, apoiados pelos técnicos e entidades que estão ajudando no crescimento e aprimoramento da Agreco, destacando-se as prefeituras dos municípios envolvidos, a Universidade Federal de Santa Catarina, a Secretaria de Estado do Desenvolvimento Rural e da Agricultura e sua empresa vinculada Epagri, o Banco do Brasil, o Banco do Estado de Santa Catarina e o Ministério do Desenvolvimento Agrário. Um programa que tem sido muito importante para a Agreco é o Desenvolver (Programa de Desenvolvimento da Agricultura Familiar Catarinense pela Verticalização da Produção) – convênio CNPq/Funcitec/Epagri.

Para agregar mais valor à produção, a Agreco recebeu uma importante ajuda do Pronaf. Com recursos que atingem 2,5 milhões de reais, um

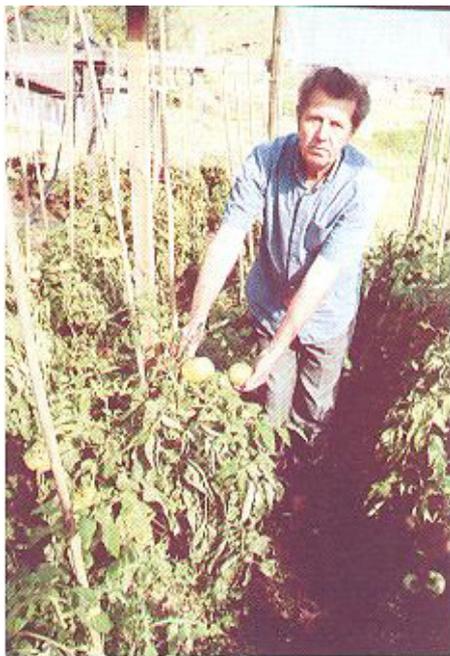


Projeto da Agreco, financiado pelo Pronaf, está gerando emprego e renda para os agricultores no sul de Santa Catarina

Reportagem

ambicioso projeto de implantação de pequenas agroindústrias rurais está em andamento englobando os municípios de Anitápolis, Gravatal, Rio Fortuna, Armazém, Grão-Pará, São Martinho, Paulo Lopes, Rancho Queimado, Alfredo Wagner e Santa Rosa de Lima. O projeto, elaborado por técnicos do Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo – Cepagro –, envolve cerca de 211 famílias, gerando 707 empregos diretos no meio rural, o que significa um custo por emprego de R\$ 3.536,00. Diga-se de passagem que este custo é bem mais baixo que o aplicado na indústria urbana, que gira em torno de R\$ 20.000,00 a R\$ 100.000,00 por posto de trabalho criado.

A engenheira agrônoma Sarah Vidal, bolsista do CNPq e vinculada ao Programa Desenvolver para assessorar a Agreco em Gestão Agrícola, revela que cada unidade agroindustrial do projeto (são ao todo 53, 14 já estão prontos, 10 em construção e faltam iniciar mais 29 unidades) engloba, em média, 4 famílias. A renda mensal média a ser alcançada em cada unidade agroindustrial será de R\$ 2.283,00, o que equivale a R\$ 573,00 por família. Cada grupo de famílias forma um condomínio, que é a forma jurídica encontrada para organizar melhor os



Antonio Willemann: orgulho em produzir hortaliças orgânicas

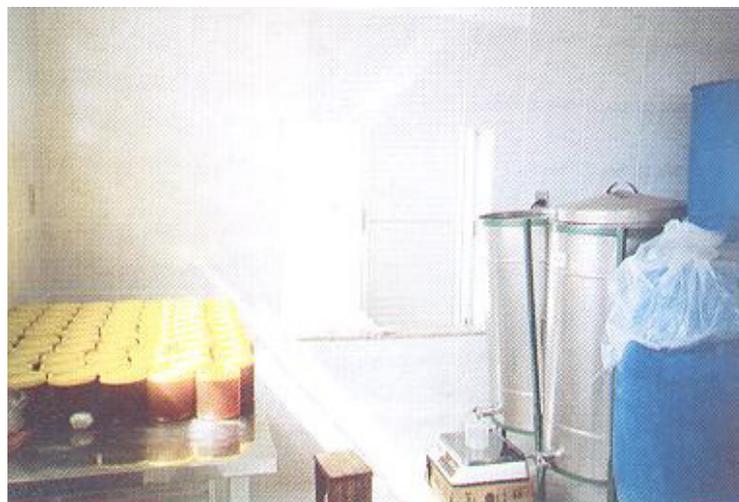
agricultores. Além disso, todos os agricultores envolvidos (211 associados) com o “Projeto de Agroindústrias Modulares em Rede” estarão ligados, dentro da Agreco, a uma Unidade de Apoio Gerencial – Ucag – hoje funcionando com o nome de comissão de produção e comercialização. Para assessorar e apoiar todo este complexo, o Programa Desenvolver coloca na região da Agreco uma equipe de técnicos e engenheiros especialistas em comercialização, processamento e gestão. Na assessoria técnica ao setor primário também participam profissionais locais das prefeituras e extensionistas da Epagri nos municípios de abrangência da associação. O projeto conta ainda com a assessoria de dois engenheiros do Programa Desenvolver, um sanitarista e outro civil, que não são específicos pois prestam apoio técnico também a outras regiões.

Entre os 53 projetos de agroindústria, divididos em 14 tipos de unidade, incluem-se processamento de cana, processamento mínimo de hortaliças, beneficiamento de hortaliças, processamento de raízes, produção de conservas, beneficiamento de leite, industrialização de leite, beneficiamento de mel, abate e processamento de suínos, abate de aves, beneficiamento de grãos, beneficiamento de ovos e panificação. “Como se vê, a diversificação de produtos oriundos do processamento agroindustrial está permitindo aos agricultores uma renda mais constante, inclusive está revertendo o êxodo rural, ou seja, familiares dos produtores da Agreco que

foram buscar empregos nas cidades maiores estão retornando”, conta o engenheiro agrônomo Lúcio Schmidt, um dos assessores técnicos da Agreco e ex-secretário de Agricultura de Santa Rosa de Lima. Além do Lúcio e da Sarah, a Agreco possui a assessoria permanente de uma engenheira química, a Cléia Boing, e uma engenheira de alimentos, a Ângela Moraes Teixeira, responsáveis pela área de processamento.

Melhoria através da agroindustrialização

Não tem sido fácil atingir o nível de organização e capacitação que a Agreco detém atualmente. Tanto técnicos quanto agricultores passaram e estão passando por constantes seminários e cursos de atualização em temas como agroecologia, gestão agrícola, mercados e comercialização, entre outros. Recebem capacitação dos próprios técnicos da Agreco e Programa Desenvolver, como também de outras Organizações não-governamentais – Ongs –, como por exemplo o Centro Vianei, de Lages, que possui experiência em técnicas de educação rural e tem elaborado muitas das cartilhas utilizadas nos cursos. Além disso, reuniões semanais, quinzenais e mensais são realizadas com os associados, representantes dos condomínios, além das visitas periódicas feitas pelos técnicos nas propriedades. Por ser um modelo participativo de gestão, os próprios agricultores buscam compartilhar experiências entre si, procuram ter



Diversificação da produção é destaque no Programa Desenvolver

Reportagem

também voz ativa nas decisões que dizem respeito diretamente à sua associação e, não raro, realizam visitas e viagens para conhecer outros projetos de desenvolvimento rural sustentável.

Falando em sustentabilidade, um dos pioneiros na produção orgânica da Agreco é o Sr. Antonio Willemann, de Santa Rosa de Lima, que conta com a colaboração de sua esposa, a Dona Ana, e de mais dois filhos. Ele tem cinco estufas, quatro financiadas pelo Pronaf, com hortaliças diversificadas, tais como radiche, cenoura, couve-flor, etc. O Sr. Antônio tem orgulho de plantar tomate sem venenos, que é embalado higienicamente, assim como todos os seus produtos comercializados hoje em vários mercados. "Estou triste porque perdemos um grande cliente, o supermercado Santa Mônica, inclusive perdi renda, mas espero que logo as coisas melhorem, pois tenho muita boa produção para entregar", fala convicto o produtor.

Quem está mais satisfeito com sua produção é o Sr. Valnério Assing, da Comunidade de Rio dos Índios, em Santa Rosa de Lima, que sedia uma unidade de processamento de cana-de-açúcar, financiada pelo Pronaf no montante de R\$ 28.700,00, mas que, segundo o agricultor, o valor total chega a quase R\$ 50.000,00, incluindo mão-de-obra e outros custos. Esta unidade tem capacidade para elaborar cerca de 250kg de açúcar mascavo e 80kg de melado ao dia, mas por enquanto a produção, como está no início, não chega a tanto. Ele trabalha em parceria com seu irmão, o Romeu,

e está previsto que mais duas famílias poderão usufruir desta agroindústria. Atualmente o açúcar mascavo produzido é vendido ao preço de R\$ 1,40, e experimentalmente a família do Sr. Valnério está elaborando uma rapadurinha ao preço de R\$ 0,35 o saquinho.

Outro projeto pioneiro na região é a criação de gado leiteiro utilizando o sistema voisin, ou seja, os animais pastejam num sistema rotativo em piquetes, que não recebem adubos químicos sintéticos, somente o esterco animal. O Sr. João Herdt, da Comunidade de Rio dos Índios, tem uma área de pastejo que atinge atualmente 9ha com 27 animais da raça Jersey e recebe orientações técnicas de professores do Centro de Ciências Agrárias – CCA – da Universidade Federal de Santa Catarina. Ele faz parte, junto com outras 4 famílias, de uma unidade de industrialização de leite que conta com resfriador, pasteurizador, queijaria, etc. Uma das metas dos agricultores é colocar queijo e leite coloniais orgânicos no mercado, aproveitando o know-how e a tradição destes produtores, reconhecidos em todo o sul de Santa Catarina.

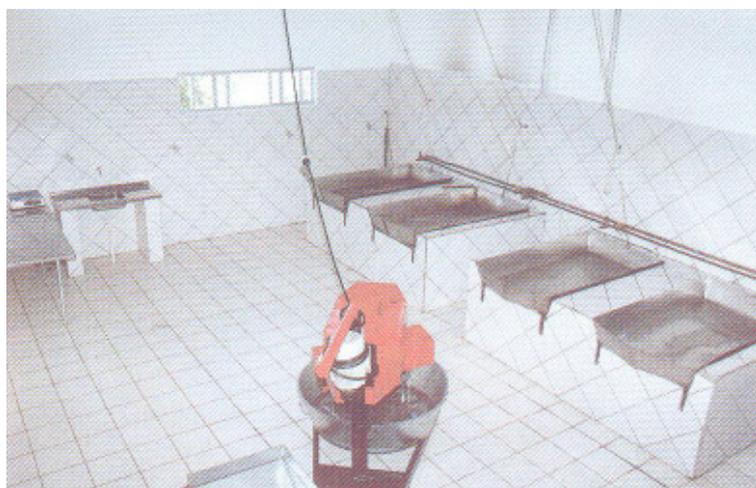
E para confirmar a tendência de diversificação e qualidade dos produtos, uma nova unidade de produção de conservas está sendo ativada, pertencente ao Condomínio Becker e gerenciada pelo Sr. Ademir Becker, em parceria com seu irmão Célio. São inicialmente duas famílias beneficiadas pela unidade financiada pelo Pronaf no valor de R\$ 22.350,00, mas outros produtores rurais associados

da Agreco também esperam aproveitar esta agroindústria para agregar valor às suas produções. Os produtos que estão sendo comercializados, inicialmente no município e posteriormente em outros mercados, são vagem, cebolinha, pepino, couve-flor, em conservas isoladamente ou na forma de picles, variando o preço entre R\$ 1,50 e R\$ 2,00 o vidro de 300g. Os Becker estão também investindo no abacaxi, com 24 mil pés plantados para serem utilizados na forma de compotas.

Mas as ações da Agreco não se restringem só à produção e à industrialização. O projeto é mais amplo, visando também um alcance social e cultural. Neste sentido, vale registrar a criação de uma associação de agroturismo, a Acolhida na Colônia, formada atualmente por 20 famílias em 5 municípios da região, que são Rancho Queimado, Anitápolis, Rio Fortuna e Gravatal, além de Santa Rosa de Lima. A idéia surgiu quando visitantes das cidades vinham comprar os produtos da colônia e sentiram vontade de permanecer mais tempo nas propriedades e técnicos e agricultores de outros Estados e municípios vinham conhecer o projeto Agreco. Os agricultores resolveram então criar suas próprias pousadas turísticas, onde acolhem os visitantes, oferecendo, a preços módicos, refeições e pernoites.

E, por fim, quando do surgimento da própria Agreco, houve a necessidade dos agricultores buscarem crédito financeiro a taxas mais justas e razoáveis, sem as tradicionais exigências, burocracias e encargos que os bancos tradicionais praticam. Assim, foi criada a Credicolônia, uma cooperativa de crédito direcionada à realidade e necessidade dos microempresários rurais, com sede em Santa Rosa de Lima e abrindo atualmente filiais em Rio Fortuna e Anitápolis.

Os trabalhos da Agreco hoje são um exemplo para muitos grupos de agricultores que estão se organizando, não só em Santa Catarina, mas também em outros Estados do país. As pessoas que desejarem mais informações sobre a Agreco podem telefonar para (0XX48) 654-0038, entrar no site: www.agreco.com.br ou contatar pelo e-mail: agreco@bon.matrix.com.br.



Unidade de processamento de cana-de-açúcar pode elaborar 250kg de açúcar mascavo e 80kg de melado ao dia

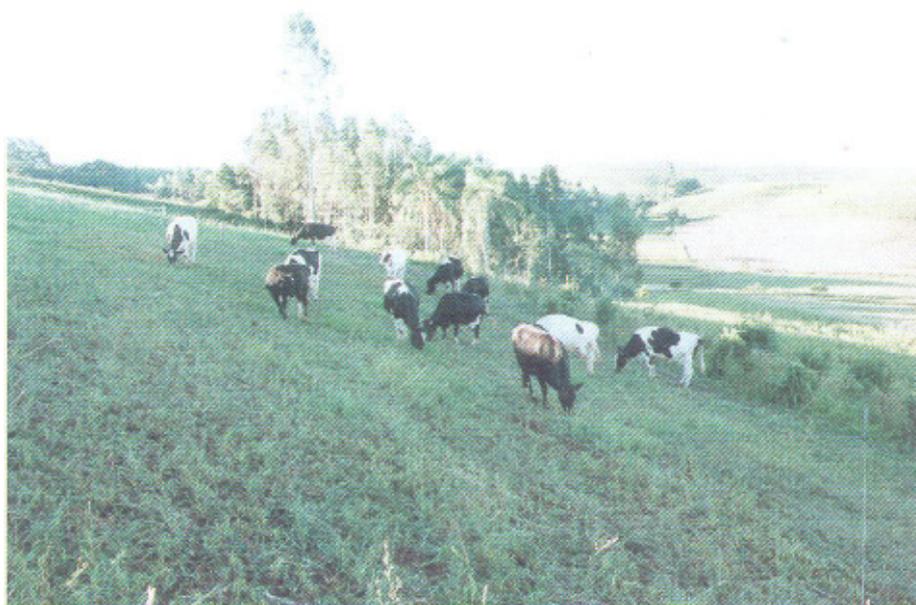
Produção de leite orgânico promete reduzir custos

Reportagem e fotos de Paulo Sergio Tagliari

A consciência pela preservação e melhoria do meio ambiente está cada vez mais crescente na sociedade. Ao mesmo tempo o cidadão, o consumidor, está mais exigente em relação à qualidade do alimento que compra, procurando produtos saudáveis, com higiene e segurança. Neste sentido a produção ecológica ou orgânica está aparecendo como uma alternativa bastante viável do ponto de vista ambiental e também econômico e social, já que promove a geração de emprego e renda no meio rural. Uma experiência nova que está surgindo aos poucos no Brasil é a criação de vacas leiteiras no sistema orgânico, que utiliza ao máximo os recursos naturais da propriedade, racionaliza o manejo da alimentação do gado, praticamente tudo com base em pasto. Além disso, propicia uma renda mais segura ao produtor e, é claro, evita o uso de agroquímicos na propriedade rural.

Alimentação com base em pasto

No município de Getúlio Vargas, RS, em uma propriedade com 16ha na localidade de Ventara Baixa, o agricultor Amauri Zorzan iniciou em 1998 a conversão de sua produção leiteira convencional para o sistema orgânico. Quem orientou tecnicamente o produtor foi o engenheiro agrônomo



Animais alimentados com pasto produzem mais a menor custo

Marco Antônio Hoffmann, ex-professor da Universidade de Passo Fundo e atual proprietário da empresa Sustentagro Ltda., e que também é especialista no sistema ecológico de produção de pastos, o chamado sistema Voisin. Este sistema consiste basicamente na utilização das pastagens com a divisão da área em piquetes, de tal forma que o gado vai passando de piquete em piquete e comendo o pasto no melhor momento fisiológico para o rebrote. A diferença do sistema Voisin para outro semelhante, o pastoreio

rotativo, é que o primeiro utiliza mais o campo nativo e adubação orgânica, ao passo que o rotativo usa mais pasto exótico e adubação química. Mas ambos ajudam a melhorar a produtividade leiteira do rebanho. Para o agrônomo, o criador que quiser ter mais rendimento e renda terá que organizar o rebanho, ou seja, sua experiência como professor e consultor mostrou que muitos produtores de leite têm excesso de machos nas propriedades, animais que não produzem e que representam gastos. Hoffmann



Reportagem

aconselha que o produtor se livre dos machos. O próximo passo é reduzir ou eliminar a alta utilização de concentrados e silagem, que representam aumento nos custos. O método Voisin é um sistema que utiliza estes princípios, mas que exige do empresário rural um investimento inicial em cercas elétricas e na implantação de pastagens. O consultor estima que as cercas custem de R\$ 20,00 a R\$ 60,00/ha e as pastagens, entre R\$ 110,00 e R\$ 200/ha. O custo da cerca varia em função dos materiais existentes na propriedade que possam ser aproveitados. As pastagens são permanentes e podem ser amortizadas ao longo dos anos.

Zorzan, que é considerado pequeno criador, iniciou a mudança para o sistema orgânico em janeiro de 1998 e o pastoreio em maio do mesmo ano com 40 piquetes de 1.200m² cada um; em 1999 passou para 65 piquetes e hoje em dia está com 70 piquetes, considerado o mínimo para a sua situação.

Hoffmann revela que, sempre que possível, recomenda um número maior de piquetes, mais de 100, especialmente quando os rebanhos são maiores. Quanto à pastagem, ele utiliza pensacola, trevo branco e azevém como permanentes e quicuío, cornichão, sorgo e capim sudão como complementares anuais.

No começo, Amauri Zorzan contava com quatro vacas em lactação que produziam 40 litros/dia, depois comprou mais animais do tipo PC, utilizando recursos próprios e emprestados, ficando com dez vacas em lactação em meados de 1999, que produziam 156 litros/dia, com 19,5 litros/vaca, ou seja, um incremento por unidade de praticamente 100%, que vem mantendo até hoje. Para Marco Hoffmann, o segredo desta boa performance está na alimentação com pasto de qualidade e no manejo do rebanho e dos pastos. "Noventa por cento do leite é devido ao pasto", aponta o técnico e

revela que um pouco de ração também é dado, cerca de 2kg, a partir dos 20 litros/vaca. A ração é feita na propriedade, complementar ao que oferece o pasto, e inclui fubá de milho e quirera de soja, oriundos de lavouras orgânicas, sem uso de agrotóxicos e adubos químicos solúveis. Amauri também produz a soja orgânica que é exportada para a Europa, através da Sustentagro Ltda. em parceria com a empresa paranaense Terra Preservada, e é um dos 344 agricultores orgânicos assessorados pela empresa de Marco Hoffmann na região do noroeste gaúcho.

A comercialização do leite na cooperativa local ao preço de R\$ 0,25 bruto e R\$ 0,215 líquido é valor de produto convencional, já que ainda não existe um mercado formado para o produto orgânico no município. Só recentemente é que se formou uma empresa na região, a Prolac – Produtos Alimentícios Colorado, que vai começar a produzir leite e derivados ecológicos. Mas o custo real da produção do Amauri (com depreciação, custos fixos, etc.) está em torno de R\$ 0,131, o que dá um lucro efetivo de R\$ 0,884/litro vendido. Logo, com uma produção de 156 litros/dia x 30 x 0,884 = R\$ 393,12 de lucro líquido mensal só do leite. Descontados os custos fixos, o custo por litro de leite do produtor cai para R\$ 0,1087, de modo que a ele o lucro líquido aparece maior do que o citado inicialmente.

O Sindicato Unificado dos Trabalhadores na Agricultura Familiar – Sutraf –, de Getúlio Vargas, está



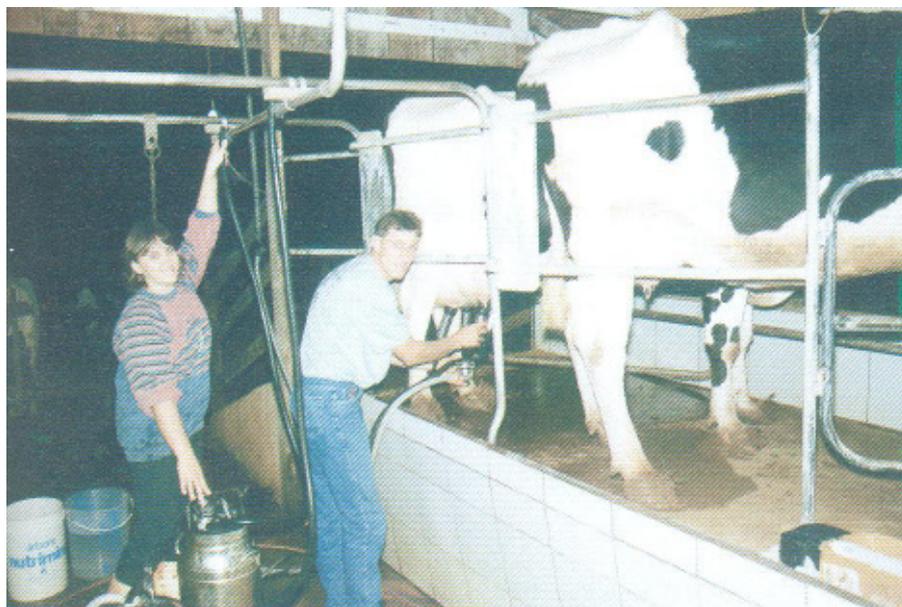
É possível produzir uma boa consorciação de pasto com manejo adequado e adubação orgânica

dando apoio a pequenos produtores como o Amauri Zorzan e incentivando para entrarem na produção orgânica. A idéia é organizá-los em uma associação própria para obterem melhores vantagens na comercialização e compra de produtos e insumos.

Homeopatia

Para atingir o status de produtor orgânico, não adianta só substituir os adubos químicos por fertilizantes orgânicos e evitar os agrotóxicos. A questão da sanidade animal também é fundamental. E um passo importante é a utilização de produtos homeopáticos no tratamento das doenças do gado, principalmente a mamite, que

Reportagem



Família Zorzan adotou o tratamento homeopático e a sanidade do rebanho melhorou

ataca constantemente as vacas leiteiras. Atualmente Amauri Zorzan está sendo orientado pelo médico veterinário Adriano Ribeiro Echevarne, da empresa de consultoria Tecnopool, que trata as doenças como a mastite

ou mastite substituindo os antibióticos normalmente recomendados para o caso pelo tratamento homeopático. Para se ter uma idéia dos bons resultados alcançados, na primeira compra das vacas PC vieram três matrizes



"Sistema orgânico de pastejo torna as vacas menos estressadas", afirma o engenheiro agrônomo Marco Hoffmann

com mastite, e após o tratamento homeopático só restou uma ainda infectada, mas com a chamada mastite subclínica, que não é tão prejudicial. O custo do tratamento homeopático é menor, cerca de R\$ 5,00, contra R\$ 12,00 do alopático ou convencional.

E o sucesso da homeopatia já não está mais restrito a um ou outro produtor. No Brasil inteiro, experiências exitosas estão surgindo. Vários cursos técnicos e científicos em homeopatia animal começam a proliferar, possibilitando a capacitação de profissionais, produtores e interessados. Em Santa Catarina, por exemplo, a Epagri, em parceria com o Centro de Ciências Agrárias – CCA – da Universidade Federal de Santa Catarina e a Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Rural Sustentável – Fundagro – recentemente realizou um seminário pioneiro no Estado sobre a produção de leite orgânico e já se prevê que, em breve, alguns projetos na linha dos laticínios orgânicos apareçam. Além disso, perto de Getúlio Vargas, RS, no município de Colorado, mais famílias de produtores trocaram o tratamento com antibióticos pela homeopatia e fitoterapia e praticamente varreram as doenças dos tambos, conforme registra matéria recente no jornal Zero Hora, de Porto Alegre, RS. Mas não ficam por aí as novidades. O periódico gaúcho revela também que, no início do ano, uma criadora de Passo Fundo possuía 19 vacas jersey com mastite crônica. As vacas resistiam aos antibióticos e estavam ameaçadas de ir ao descarte. Mas quatro meses de tratamento homeopático garantiram a cura dos animais. O mesmo periódico cita ainda a opinião do diretor técnico da Associação Gaúcha de Criadores de Gado Holandês, José Luiz Rigon: "Se for para baixar custos e melhorar a sanidade do rebanho, vejo com bons olhos este tratamento alternativo".